

Dos Mascates ao Senegalês do óculos: Os estrangeiros no comércio de rua do Rio de Janeiro¹

Prof.^a Dr.^a Miriam de Oliveira Santos (UFRRJ e NIEM/RJ)
Alinne Ferreira da Silva (UFRRJ, Bolsista PIBIC/CNPq)

Palavras-chave: Comércio, Capitais, Imigrantes

O presente trabalho apresenta inicialmente uma reflexão teórica sobre os estrangeiros no comércio, seguida de um breve histórico da participação dos imigrantes no comércio do Rio de Janeiro e termina com uma pequena descrição etnográfica do comércio de rua na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, sobretudo em Copacabana.

Abordamos especialmente a atuação dos estrangeiros no comércio de rua na Zona Sul do Rio de Janeiro, buscando entender suas relações com as feiras e mercados da cidade bem como suas interações com os demais participantes do comércio de rua da cidade e refletir sobre os diversos capitais que circulam junto com as mercadorias.

A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica e documental, assim como a observação participante com entrevistas não estruturadas. Também utilizamos a fotografia, que muitas vezes, permite perceber detalhes daquilo que não foi observado diretamente.

Estrangeiros no comércio

Preferimos utilizar nesse texto a categoria Estrangeiro e não imigrante, porque ela é mais geral. De acordo com Seyferth (2008, p.3):

As palavras estrangeiro e imigrante aparentemente têm significação diferente, mas sob muitos aspectos são usadas em sinonímia. Estrangeiro é o indivíduo natural de outro país ou, na versão substantiva, aquele que não é natural, nem cidadão, do país onde se encontra,(...). Imigrante, num sentido mais geral, é aquele que se desloca para outro país e ali permanece, e a imigração tem sido qualificada justamente pela entrada de indivíduos ou grupos num país estrangeiro com intenção de ali restabelecer sua residência ou, usando uma referência mais apropriada, e que aparece nos discursos daqueles que assumiram a identidade de imigrante no contexto da imigração em massa na virada para o século XX, estabelecer um novo lar, numa nova pátria.

1 Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

Independentemente de outras qualificações, o imigrante é um estrangeiro, (...), apesar da possibilidade de obter a cidadania como “naturalizado”.

Observamos que com a abertura dos portos às nações amigas, evento que ocorreu com a transferência da corte portuguesa para o Rio de Janeiro a cidade torna-se cosmopolita e o comércio uma atividade onde predominam os estrangeiros. O negociante inglês John Luccock, que estava no Rio de Janeiro antes de 1808, relatou o seguinte sobre os estrangeiros na cidade:

Aliás, é natural que, numa cidade de tanta importância marítima e comercial, se achem reunidos habitantes de todas as regiões e países do mundo civilizado. Naturalizados ou não, encontraram-se aqui filhos de todas as nações. Os mais numerosos entre eles são os amigos aliados de Portugal, os ingleses, que fazem os maiores negócios. Como eles, porém, segundo se afirma, exercem opressão comercial, os naturais se dirigiram aos franceses, com os quais têm afinidade de religião. Ambas as nações porfiam em introduzir aqui abundantemente as suas mercadorias, os produtos de sua arte e indústria e no Rio se encontram dentro do tempo mais curto possível, as últimas novidades dos mercados de Londres e Paris. (*Apud* LENZS, 2003).

Outros autores também assinalam que a atividade comercial que envolvia larga parcela da sociedade da Corte que se estabeleceu no Brasil e se organizava segundo um variado escalonamento entre varejistas e atacadistas, envolvendo homens livres e escravos, estrangeiros e nacionais. Os varejistas e os proprietários de casas de pasto eram quase todos portugueses, que apesar de também atuarem no comércio varejista, não tinham nesse setor o mesmo destaque dos ingleses. Os franceses e italianos destacavam-se no ramo dos hotéis, restaurantes e confeitarias, enquanto as indústrias técnicas eram de domínio quase exclusivo de ingleses e alemães (BELTRÃO, 1935, p. 30).

Ao longo da história do Brasil observamos que o comércio é uma das esferas privilegiadas de interação e coordenação do estrangeiro na comunidade, o comércio facilita a entrada dos grupos imigrantes nas atividades econômicas. A figura do mascate, ligada à imigração árabe no Brasil (TRUZ-TRUZ, 1991), consolida a ideia do comércio como uma atividade que abre espaço para estrangeiros e de certa forma oblitera o fato de que desde a chegada da Corte Portuguesa ao Rio de Janeiro, o comércio é a principal forma de inserção de estrangeiros na economia do país.

Mercados no Rio de Janeiro

Dito de maneira simplista, a “praça de mercado” é o espaço onde as trocas têm lugar a partir de princípios que são bastante variáveis, marcados também por referências sociais, culturais, políticas, etc. (BOHANNAN E DALTON,1965; BELSHAW,1968).

Analisaremos aqui as principais “praças de mercado” estabelecidas no Rio de Janeiro e sua relação com os estrangeiros: O Mercado da Praia do Peixe, o mercado da Praça XV, o Mercado de Madureira, a CADEG e a CEASA.

O Mercado da Praia do Peixe, situado na região central da cidade do Rio de Janeiro, próximo ao porto, com projeto de Grandjean de Montigny e primeiro mercado cosmopolita da cidade foi substituído pelo Mercado da Praça XV, mais tarde abatido pela sanha reformadora dos prefeitos da cidade. Hoje só resta uma das torres transformada em restaurante.

A Candelária, com ruas estreitas e casario em grande parte erguido no século XVII, era o centro político e comercial da Corte, formado pelo Paço Imperial, casa de despachos do soberano, o cais Pharoux, principal ponto de desembarque de passageiros e de cargas, e grande número de estabelecimentos de comércio varejista e atacadista. Na região estavam também importantes edifícios e serviços públicos relacionados ao comércio, como a Alfândega e suas docas e o Mercado da Praia do Peixe, construído entre 1835 e 1841, a partir de projeto com linhas neoclássicas de Grandjean de Montigny, em substituição a velhas barracas de madeira. (PESSOA, 2011, p.102)

O Mercado Municipal da Praça XV foi construído no largo de Moura, junto à Praça Marechal Âncora, e à Praça 15 de Novembro, sendo inaugurado em 14 de novembro de 1907. Em meados de 1956, o Dr. Lopo Coelho, então Secretário da Agricultura e Abastecimento, informou aos comerciantes que na Secretaria de Urbanismo havia um projeto de reurbanização da área ocupada pelo Mercado, na qual seria construído um elevador, que na planta era denominado Avenida Perimetral e que a Prefeitura não tinha verba para construir um outro mercado.

Os comerciantes do Mercado Municipal cotizaram-se, compraram um terreno no subúrbio de Benfica e construíram um novo mercado que foi inaugurado somente no início de janeiro de 1962, quando a cidade do Rio de Janeiro, já havia sido transformada em Estado da Guanabara, em função da transferência da capital federal para Brasília.

Os projetos urbanos da cidade baniram os mercados para subúrbios distantes:

Madureira, Benfica, Irajá. Onde os únicos estrangeiros eram os comerciantes portugueses e ocasionalmente um espanhol.

Nas primeiras décadas do século XX, Madureira destaca-se pelo seu crescimento e dinamismo econômico. A criação do Mercado de Madureira (um entreposto de hortifrutigranjeiros) em 1914 é apontada como iniciativa pioneira em torno da qual outras lojas e serviços se desenvolveram. Este mercado surge com a transferência de um outro mercado que existia no bairro de Cascadura, onde pequenos proprietários negociavam sua produção. A princípio, em 1914, ficou instalado na Rua Oliva Maia, mudando-se dois anos depois para a Avenida Ministro Edgard Romero, no lugar onde atualmente fica a sede da Escola de Samba Império Serrano.

Em 1929, quando já era o maior centro de distribuição de alimentos da zona suburbana, foi transferido para a esquina da Rua Conselheiro Galvão com a Avenida Ministro Edgard Romero e iniciada a primeira obra de ampliação. Em 1949 são construídos mais 26 boxes para distribuição direta de mercadorias dos produtores à população. Nesta época além dos pequenos produtores, o Mercado da Praça XV, funcionava como entreposto para fornecer mercadorias para o Mercado de Madureira.

Em 1959, Juscelino Kubistchek faz novos investimentos de ampliação e o antigo Mercado ganha o apelido de “Mercadão”. Com a inauguração da Central de Abastecimento do Estado do Rio de Janeiro - CEASA em 1974, as vendas caíram fortemente, e o perfil do mercado se modificou radicalmente. Os produtos foram diversificados: artigos para festas, roupas e artigos religiosos, vendidos a preços populares, mudaram o seu perfil e seu público. Grande parte dos comerciantes portugueses se mudou para a CEASA nesta ocasião, mantendo, no entanto suas lojas no Mercadão.

A maioria das lojas no Mercadão de Madureira é de propriedade de imigrantes portugueses ou seus descendentes. No entanto são poucas as que mantêm o trabalho exclusivamente familiar e entre os empregados predominam os migrantes nordestinos. (BAHIA e SANTOS,2015)

A Central de Abastecimento do Estado do Rio de Janeiro – CEASA, está situada na Avenida Brasil, no bairro de Irajá e estrategicamente instalada em um ponto próximo ao entroncamento com outras importantes vias de acesso à cidade do Rio de Janeiro como a Via Dutra e a BR-040. E foi inaugurada em 28 de agosto de 1974. Nesse

Mercado também predominam os imigrantes portugueses e seus descendentes.

A CEASA apresenta dois setores, um permanente e outro não permanente. O setor permanente é destinado a pessoas jurídicas e caracteriza-se por estabelecimentos de revenda de gêneros agrícolas de diversas localidades do estado e país. O setor não permanente compreende dois pavilhões o 30 e 21. O pavilhão 30 comporta a Unacoop – União das Associações e Cooperativas do Pavilhão 30 cujo objetivo é representar os pequenos produtores do estado do Rio de Janeiro servindo como uma saída para a intermediação buscando preços justos para a produção fluminense.

O pavilhão 21 é destinado aos produtores do estado do Rio de Janeiro que, através de concessões, adquirem o direito a uma pedra (área delimitada no pavilhão) para comercializarem sua própria produção. Para obter tal concessão é necessário apresentar, documentação da terra (há um limite mínimo de hectare estabelecido), boletim de produção da EMATER RIO, nota fiscal e atestado médico do produtor. (BAHIA e SANTOS,2015)

O SAARA

A cidade só volta a ter um comércio realmente cosmopolita com a fundação da SAARA (Sociedade dos Amigos das Adjacências da Rua da Alfândega), na década de 1960, que teve um papel fundamental como espaço de integração entre as diferentes etnias árabes que consolidaram seus comércios na Rua da Alfandega (RIBEIRO, 2000).



Fonte: <http://polocentro.riocoletivo.com.br/>

A região que ficou conhecida como SAARA (sigla para Sociedade de Amigos das Adjacências da Rua da Alfândega, mas adotada também em referência à origem árabe dos comerciantes do local) se estende ao longo das ruas da Alfândega, Senhor dos Passos e Buenos Aires desde o Campo de Santana até a Rua Uruguaiana.

A associação reivindicou para a região o título de maior mercado a céu aberto do mundo, onde se concentram, desde meados do século XX, imigrantes sírios, libaneses, judeus e mais recentemente coreanos e chineses.

As novas configurações

Em contextos de crise o comércio de rua e as feiras ganham forças e se mobilizam no sentido de impulsionar modos de recriação, renovação e flexibilização, barganhando e negociando como estratégias de sobrevivência no mundo real e no simbólico. (ZANINI e SANTOS, 2017)

Contudo mais que na SAARA, o cosmopolitismo mercantil do Rio de Janeiro se encontra cada vez mais nas ruas da zona sul, onde é possível ver estabelecidos um ao lado do outro: Equatorianos, senegaleses, sírios e brasileiros. Alguns legalizados e com barracões, outros atuando como ambulantes, especialmente na praia, outros que estendem um pano no chão sobre o qual colocam artesanato ou produtos típicos de seus países.

Com o aumento do número de imigrantes e refugiados no Rio de Janeiro, cresce o número de estrangeiros que trabalham no comércio ambulante. Argentinos, Equatorianos, Senegaleses e mais recentemente Sírios, ganharam as ruas da Zona Sul da cidade, mantendo, no entanto, uma separação cuidadosa de áreas de atuação e mercadorias.

Os argentinos são encontrados principalmente em feiras de artesanato e encontram-se em número bastante reduzido, os equatorianos vendem produtos andinos instalados nas calçadas e criaram uma estratégia bastante engenhosa para evitar que suas mercadorias sejam levadas pelos fiscais. Os homens carregam as mercadorias e fazem a sua distribuição, atuando também como seguranças, mas são as mulheres em sua maioria jovens e de aparência frágil que ficam junto aos panos sobre os quais estendem a mercadoria. Quando os fiscais passam e ameaçam com a apreensão elas começam a

chorar com os filhos agarrados em suas pernas e os fiscais liberam a mercadoria com a condição que elas saiam do local.

De acordo com Vieira(2014), a grande maioria dos equatorianos que se encontram no comércio de rua na cidade do Rio de Janeiro são naturais de Atavolo. Os otavaleños são um grupo indígena famoso por seu estilo de vida viajante, em que mudam suas residências pelos países como forma de conhecê-los e conseguir mercado de consumo para vender seus produtos artesanais. Em suas cidades de origem, os equatorianos trabalhavam com artesanato e comércio, que muitas vezes poderiam estar associados, na medida em que os otavaleños costumam fabricar os produtos artesanais que vendem no comércio.

Os senegaleses vendem geralmente óculos escuros, relógios e aparelhos eletrônicos, sua estratégia é andar pela praia com um tabuleiro, geralmente de isopor, onde as mercadorias são fincadas. Alguns mais sofisticados tem uma espécie de vitrine de madeira ou plástico que também levam nas mãos. São os mais visados pela fiscalização que os acusa de vender produtos piratas ou contrabandeados. “Geralmente percorrem toda a orla da praia de Copacabana e, às vezes o início das praias do Arpoador e Ipanema. Depois voltavam, no máximo completando duas voltas perfazendo cerca de vinte quilômetros”. (HELL, 2017,p. 238)

Hell (2018) afirma que “No Rio de Janeiro, os vendedores de artesanato [senegaleses] ocupavam com mais frequência um meio-termo entre a vida estabelecida dos profissionais e as dificuldades dos mais recém-chegados. Isto é, para tornar-se vendedor ambulante há que ter um capital prévio, que a maioria dos recém chegados não possui.

Como demonstra Mocelin (2017), o comércio na rua é uma adaptação às formas de comércio informal que os senegaleses estão habituados a realizar no seu país de origem. O comércio ambulante está diretamente ligado ao que buscam no projeto migratório, ou seja, sustentarem a si e suas famílias, viajar e conhecer lugares e pessoas. Desse modo, adquirem experiências de vida que os tornam homens de maior prestígio nos seus países de origem.

Quanto aos refugiados sírios foram acolhidos pela Caritas-RJ, órgão da arquidiocese do Rio de Janeiro, e estão instalados sobretudo em Igrejas Católicas nos bairros de Botafogo, Vila Isabel e Tijuca e, para sobreviver, montaram banquinhas de

venda de quibes e esfirras, sobretudo nas proximidades das saídas do metrô na Tijuca e Zona Sul. São os ambulantes estrangeiros mais bem aceitos e menos incomodados pela fiscalização. Talvez porque como destaca Maciel (2001, p. 151), a comida está envolvida com emoção e “trabalha com a memória e com sentimentos” e também com os pertencimentos. Mas também porque encontramos como principal produto a culinária árabe, que recebe uma espécie de “selo de autenticidade” por ser vendida por imigrantes vindos da região.

O número de refugiados sírios no Brasil vem aumentando gradativamente, seguindo, de certa maneira, a mesma tendência de refugiados sírios no mundo. Em 2015 o Brasil acolheu mais sírios que os Estados Unidos e alguns países da Europa, como Grécia, Espanha e Portugal².

De certa forma podemos dizer que eles não escolheram trabalhar com a venda de kibes e esfihas, as barraquinhas que “escolheram” eles, visto que a maioria veio pela oportunidade de trabalho que foi oferecido por seus “amigos” que já estavam aqui.

Nas palavras do Pe. Mario Geremia, Missionário Scalabriniano e coordenador da Pastoral da Migração na Arquidiocese do Rio de Janeiro, que vem trabalhando com assistência e orientações aos migrantes e refugiados recém-chegados:

(...) a grande maioria dos sírios, que a gente percebe por aí, eles, no primeiro momento, eles começam a sobreviver com a, com a venda de alimentos. Aqui mesmo na área de botafogo a gente vê muitas, muitas barraquinhas, muitos carrinhos de... de venda de comida árabe pelos sírios. Acho que num segundo momento, (...) eles começam já a sair desse nicho de trabalho para ter alguma coisa melhor. Mas o que a gente percebe hoje é cada grupo tem um... uma forma de sobreviver. Por exemplo, então, os sírios com a alimentação, vendendo alimentos. Já os equatorianos eles têm a venda de roupa e artesanaria. Aí tu pega os haitianos, já eles estão mais nos serviços gerais³.

Considerações Finais

2

BBC. Disponível em:
<www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/09/150904_brasil_refugiados_sirios_comparacao_internacional_lgb>. Acesso: agosto, 2018.

3

Entrevista gravada em 25 de abril de 2018.

Os mercados se transformam e se adaptam, se os mercados físicos foram transferidos para partes menos nobres da cidade, o comércio de rua continua instalado no centro e na zona sul do Rio de Janeiro e é cada vez mais multicultural. Parte dos atuais vendedores foi atraído pela sucessão de grandes eventos da cidade: Copa do mundo, Visita do papa, Olimpíadas, mas não são os grandes eventos que determinam o estabelecimento dos estrangeiros no comércio do Rio de Janeiro.

Desde os primórdios que a cidade recebe estrangeiros que trazem consigo não apenas mercadorias, mas uma outra cultura e um outro modo de olhar o mundo, muitos estão só de passagem, outros vão e vem, cosmopolitas no verdadeiro sentido do termo: o mundo é a sua cidade e é só através do deslocamento constante que conseguem sobreviver.

Referências:

BAHIA, Joana & SANTOS, Miriam (Org.), *Corpos em trânsito: socialização, imigração e disposições corporais*. Porto Alegre: Letra&Vida, 2015.

BELSHAW, Cyril S.. *Troca tradicional e mercado moderno*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

BELTRÃO, Heitor. “O civismo da Praça no século de labor.” In: *Aspectos coligidos a propósito do Centenário a Associação Comercial do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Associação Comercial do Rio de Janeiro, 1935.

BOHANNAN, Paul; DALTON, George. Introduction. In: BOHANNAN, Paul; DALTON, George (Eds.). *Markets in Africa*. Londres: Anchor Books, 1965, p. 1-32.

HELL, Tilmann. *Perder, só perder. Vendedores senegaleses durante os jogos olímpicos no Rio de Janeiro*. In: TEDESCO, João Carlos e KLEIDERMACHER, Gisele.(Org.) *A imigração senegalesa no Brasil e na Argentina: múltiplos olhares*. Porto Alegre: EST Edições, 2017.

HELL, Tilmann. *Uma infraestrutura muçulmana de chegada no Rio de Janeiro*. REMHU, Rev. Interdiscip. Mobil. Hum., Brasília, v. 26, n. 52, abr. 2018, p. 111-129

LENZ, Sylvia Ewel. *Relatos de Alemães no Rio de Janeiro oitocentista*. Campinas: SP, N° 10, 2003: p. 104.

MACIEL, Maria Eunice. 2001. *Cultura e alimentação ou o que tem a ver os*

macaquinhos de Koshima com Brillat-Savarin? Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 7, n.16, p.145-156.

MOCELLIN, Maria Clara. Deslocamentos e trabalho ambulante entre jovens senegaleses no Rio Grande do Sul. In: TEDESCO, João Carlos e KLEIDERMACHER, Gisele.(Org.)A imigração senegalesa no Brasil e na Argentina: múltiplos olhares. Porto Alegre: EST Edições, 2017.

PESSOA, Ana. De caixeiro a barão: trajetória de um comerciante português no Rio de Janeiro oitocentista. Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, n. 5, p. 97-112, 2011.

RIBEIRO, Paula. ‘Saara’ – uma paisagem singular na cidade do Rio de Janeiro (1960 – 1990). Dissertação de mestrado pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: PUC-SP, 2000.

SEYFERTH, Giralda. Imigrantes, estrangeiros: a trajetória de uma categoria incomoda no campo político. 26ª Reunião Brasileira de Antropologia. Porto Seguro, junho de 2008. Disponível em http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/mesas_redondas/trabalhos/MR%2012/giralda%20seyferth.pdf . Acesso em 12 de março de 2018.

TRUZZI, O. M. S. (1991). De Mascates a Doutores: sírios e libaneses no Brasil. São Paulo: IDESP.

VIEIRA, Camila da Silva. Migrações internacionais contemporâneas: os equatorianos na cidade do Rio de Janeiro. Revista PerCursos. Florianópolis, v. 15, n.28, p. 310 - 336. jan./jun. 2014.

ZANINI, Catarina Chitolina e SANTOS, Miriam de Oliveira(Orgs.) Feiras, feirinhas e feirões: a “economia dos centavos” em foco. São Leopoldo: Oikos, 2017.